

passagem de “Cíume dos trapos”: “Ela, que só gostava de trabalhar com pouco tecido, ela que gostava de virar e revirar o trapo, para acertar os quadrados, ou o viés, ou medir as pregas da saia plissada, ou acertar a pinça de peito” (2021: 87). Com esta descrição, consegue-se uma caracterização extremamente precisa da mãe e da sua obsessão com os tecidos, causadora de ciúmes no seu pai: “Eu não percebia nada daquele amor feito de gritaria de meu pai. Daquele ciúme que ele tinha da tesoura, da agulha, dos alfinetes e dos trapos” (2021: 87).

Nas escassas cem páginas do livro dizem-se, realmente, muitas coisas. Percebemos, também, que ele é o tipo de papel e de escrita, o livro que não existia no universo narrado. E, embora possam existir, hoje em dia, muitos livros sobre memórias de infância, precisamente este faz-nos muita falta. Se a literatura como tal pode não reivindicar mais utilidade do que a de um suporte para pó, este livro tem-na. Na verdade, estas memórias são o postulado de uma ética de união familiar, de coesão, atividade e luta pela vida num quadro de sobrevivência não ameaçada; e também a defesa de uma estética do essencial, de supressão do inútil, um elogio à memória e à sua capacidade de resgatar espaços, figuras, casas e épocas. Muitas coisas que por vezes damos por perdidas.

Francisco de Sá de Miranda, *Obra Completa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2021 (introdução, fixação do texto e notas de Sérgio Guimarães de Sousa, João Paulo Braga e Luciana Braga), 679 pp.

José Cândido de Oliveira Martins
Universidade Católica Portuguesa
cmartins@ucp.pt

Nunca é demais enaltecer a leitura ou a *presença real* (G. Steiner) dos clássicos da literatura, como autores modelares que nunca acabam de dizer aquilo que tem para dizer, como nos lembra Italo Calvino (*Perché Leggere i Classici*). Esse é o caso de Francisco de Sá de Miranda e da sua obra literária (da poesia ao teatro), nome de absoluta referência na Literatura Portuguesa do séc. XVI e de sempre, integrando de pleno direito o cânone literário nacional.

Com a nova edição da *Obra Completa* de Francisco de Sá de Miranda num volume único, estamos perante uma iniciativa trabalhosa, ousada e apreciável, norteada por um positivo desiderato – reeditar hoje, para um público amplo, a obra literária deste autor de Quinhentos. A iniciativa é patrocinada pelo recém-criado Centro de Estudos Mirandinos, com o apoio do Município de Amares, onde esse centro está sediado, em pleno coração do Minho, terra intimamente ligada ao percurso biográfico de Francisco de Sá de Miranda. Aliás, na escrita deste autor, vida e obra aliam-se de forma muito singular.

Com esse objectivo de chegar a um público alargado, os organizadores estruturam esta edição com uma breve introdução crítica (2021: 7-27), seguindo-se da edição da Poesia do autor (2021: 29-462), organizada em diversas secções: “Poesias à maneira antiga”, “Poesias de influência clássica”, “Éclogas”, “Canções”, “Elegias”, “Cartas”; seguindo-se a edição do Teatro (2021: 463-628), com as comédias *Os Estrangeirados* e *Os Vilhalpandos*.

A pensar num público não especialista, os textos literários são acompanhados de um justificável glossário, colocado no fim do volume (2021: 629-671). Os organizadores têm o cuidado de informar sobre as fontes privilegiadas para a constituição deste glossário (2021: 25), destacando, para a poesia, o *Glossário das Poesias de Sá de Miranda* de Carlota Almeida de Carvalho (Centro de Estudos Filológicos, 1953); bem como, para o teatro, o glossário existente na recente edição das *Comédias* mirandinas, organizada por José Camões e T. F. Earle (IN-CM), a par da clássica edição de M. Rodrigues Lapa (Sá da Costa). Naturalmente, este trabalho de anotação e de clarificação vocabular facilitaria imenso a comodidade do leitor se colocado em nota de rodapé, junto a cada texto. Esta opção adoptada obriga o leitor a um constante movimento para colher a informação adicional, mas compreende-se a preferência editorial pela sua arrumação compacta no final do volume, aliás bastante frequente em edições deste género.

A referida introdução crítica ao volume tem o objectivo plural de apresentar ao leitor, muito sucintamente, alguns pontos nucleares da vida (nem sempre fácil de pormenorizar pela falta de documentação); e, sobretudo, da singularidade da obra e da recepção literária de Francisco de Sá de Miranda. Apoiando-se numa bibliografia crítica muito selectiva, os organizadores situam o escritor no seu contexto histórico-cultural, bem como na dinâmica estético-literária do séc. XVI, sublinhando as privilegiadas relações entre a literatura portuguesa da época com o Humanismo e Renascimento italianos. Isso permite

reforçar o papel reconhecidamente inovador do poeta português na modernização de códigos e de convenções do sistema literário (do *dolce stil nuovo* ao uso do soneto) no panorama nacional da época, depois da marcante viagem a Itália.

Ao mesmo tempo, salientam-se alguns traços da personalidade literária e da filosofia e moral estoicas de Francisco de Sá de Miranda, como homem e escritor que alia preocupações estéticas a um horizonte ético, sobressaindo um perfil de homem que pauta a sua vida e mundividência pela austeridade, pelos valores morais e, conseqüentemente, pela crítica frontal a todas as formas de decadência da sociedade do seu tempo, com destaque para a vida da corte lisboeta. Nestes e em outros aspectos se detêm os estudos críticos reunidos no volume temático *Estética e Ética em Sá de Miranda* (Opera Omnia, 2011).

Estes traços convergem no papel de *mestre* assumido por Sá de Miranda face a outros poetas da época, como assinalam os organizadores. Com efeito, o poeta destacou-se entre os seus contemporâneos através de um importante magistério estético e moral. E a influência sobre o próprio Luís de Camões, quarenta anos mais novo, é mais significativa do que durante muito tempo se pensou e o próprio Camões reconhece. Neste âmbito da influência, apresenta-se também muito reveladora a considerável recepção literária que o poeta alcançou até à contemporaneidade, com variadas formas de evocação intertextual em autores muito diversos. A este respeito, atestando a perenidade do prestígio da poesia mirandina, mostram-se muito eloquentes as detalhadas investigações de Marcia Arruda Franco, sobretudo no volume *Sá de Miranda, Um Poeta no Século XX* (Angelus Novus, 2001).

Aspecto nuclear de uma edição desta natureza é a informação dos organizadores sobre as edições de referência para a organização da presente edição ao nível do estabelecimento do texto; das opções ao nível do estabelecimento do texto (como a pontuação e a ortografia) e, genericamente, dos desafios da fixação textual da presente edição da obra completa de Francisco de Sá de Miranda (2021: 25-27). Com efeito, é-nos informado que esta edição tem por base a *editio princeps* de 1595 das Obras do poeta, bem como a 2ª edição de 1614 (com textos inexistentes na 1ª ed.). Merecem também especial referência a edição moderna organizada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1885), tal

como a edição de M. Rodrigues Lapa (de 1937, Liv. Sá da Costa, com várias edições até aos nossos dias).

No panorama português, como bem sabemos, mostram-se escassas as boas edições dos clássicos, organizadas criteriosamente a pensar num público alargado, sobretudo se compararmos com o que acontece em outros países próximos, como Espanha e França, onde abundam as edições divulgadoras dos grandes autores do cânone. Nesse espírito de vulgarização das obras de referência, valorizam-se sobretudo a rigorosa fixação dos textos literários, as informadas introduções críticas e um minucioso trabalho de anotação, a pensar no leitor contemporâneo menos preparado e, especialmente, em leitores jovens no seu percurso escolar, desde o ensino fundamental até à etapa universitária. Neste sentido, este tipo de edições são um contributo cultural e formativo indispensável.

Uma nova edição da obra completa de um autor clássico é sempre de saudar, no seu louvável propósito de divulgação. E o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (n.º 1319, de 21 de Abril de 2021) destacou esta nova edição mirandina. Quando se anuncia agora a publicação de mais uma antologia poética de Francisco de Sá de Miranda e, sobretudo, de uma desejável edição crítica da poesia completa deste autor pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (IN-CM, 2013), esta edição cumpre o seu papel, reunindo as condições fundamentais para ser usada proveitosamente pelos leitores que pretendem ter acesso à escrita de Sá de Miranda, numa publicação credível e despojada de erudição. Em síntese, uma edição desta natureza constitui sobretudo um convite à releitura de um clássico da grandeza e relevância de um nome maior da lírica portuguesa.